

35/9 SETTEMBRE 1982

Liahona





**A PRIMEIRA
PRESIDENCIA**
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marlon G. Romney
Gordon B. Hinckley

**CONSELHO
DOS DOZE:**
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

**COMITÊ DE
SUPERVISÃO:**
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didler
George P. Lee
F. Enzo Busche

**EXECUTIVO DO
"INTERNATIONAL
MAGAZINE":**
M. Russel Ballard,
Editor;
Larry A. Hillier,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista.

**EXECUTIVO DE
A LIAHONA:**
Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

SETEMBRO DE 1982
PBMA0493PO
SÃO PAULO - BRASIL

NOTÍCIAS LOCAIS | Novo Diretor Para Assuntos Temporais; II - Organizada a Estaca de Joinville; III - Mais uma Capela Inaugurada; IV - Francly e Sua Missão; VI - Narcizo Zenaro — Um Exemplo de Fé e Perseverança; VII - Teatro ao Alcance de Todos; VIII - Rio de Janeiro — A Cidade Maravilhosa; XI - 1ª Colabore; XII - Encontro das Famílias; XIII - O Que Qualifica Um Missionário Para o Trabalho; XIII - A Amizade; XIV - Outro Testemunho do Livro de Mórmon; XIV - Como Obtive Um Casal de Amigos; XV - Onde Minhas Filhas se Casarão; XVI - Uma Experiência Missionária.

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência:
DEUS PERDOARÁ, Presidente Spencer W. Kimball.
11. **QUANDO A ESPOSA TEM UM CHAMADO NA IGREJA**, Gerald R. Schiefer.
14. **ELA VEIO EM MEU AUXÍLIO**, Janet Peterson.
16. **COMPARTILHAR O EVANGELHO COM AMIGOS PELA ABORDAGEM EM GRUPO**, Robert L. Hamblin.
24. **A MEDIADORA DE LAURA**, Sarah E. Hinz.
28. **A FORÇA DO AMOR**, Jane Raley Robinson.
31. **DE CRÍTICO A CONVERSO**, Joseph W. Darling.
31. **PERDOEM-ME, SE EU FALHAR**, Theda Woodard Farnsworth.
34. **ACHADO SURPREENDENTE**, Gladys C. Farmer.

SEÇÃO INFANTIL

- I - **NAHEED E O SEGREDO PRECIOSO**, Dawn Asay.
- IV — **JOSEPH FIELDING SMITH, (1876-1972)**, Howard Boughner.
- VI - **DE UM AMIGO PARA OUTRO (L. Tom Perry)**, Joleen Meredith.

Legenda da Capa: **Cristo Ressuscitado na Galiléia**
Obra do artista Gary Smith

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 400,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 40,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Editora MM Ltda. - Rua Bueno de Andrade, 481 - Fone 279-5195. Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone 786-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Mensagem da Primeira Presidência



Deus Perdoará

Presidente Spencer W. Kimball

“Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro. Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará.” (D&C 58:42-43.)

*“Não há nenhum
outro caminho ou meio
pelo qual
o homem possa salvar-se,
senão por meio
do sangue expiatório
de Jesus Cristo...”
Helamã 5:9.*

A purificação dos pecados seria impossível sem o pleno arrependimento do transgressor e a misericórdia do Senhor Jesus Cristo através de seu sacrifício expiatório. É somente por esses meios que o homem pode recuperar-se, ser curado, lavado e purificado, e ainda ter condições de aspirar às glórias da eternidade. Sobre o grande papel do Salvador nesse contexto, Helamã lembrou seus filhos dos comentários do Rei Benjamim:

“Não há nenhum outro caminho ou meio pelo qual o homem possa salvar-se, senão por meio do sangue expiatório de Jesus Cristo, que há de vir; sim, lembrai-vos de que ele vem para redimir o mundo.” (Helamã: 5:9.)

Recordando as palavras de Amuleque a Zeezrom, Helamã salientou a parte que cabe ao homem para obter o perdão, o arrependimento dos pecados:

“Ele disse que o Senhor sem dúvida viria para redimir seu povo, mas que não viria para o redimir *em seus pecados*, senão para o redimir *de seus pecados*.

“E ele tem poder, recebido do Pai, para redimir o povo de seus pecados por meio do arrependimento.” (Helamã 5:10-11; grifo nosso.)

Escrituras, como as citadas acima, levam esperança à alma do pecador consciente. A esperança é, sem dúvida, o grande incentivo para o arrependimento, pois sem ela ninguém faria o difícil e longo esforço exigido, especialmente quando o pecado é de natureza grave.

Uma experiência que tive alguns anos atrás ressaltou esse ponto. Uma jovem aproximou-se de mim, numa cidade longe daqui, e admitiu ter adulterado. Eu soube depois que ela me procurou pressionada pelo marido. Mostrava-se algo inflexível e obstinada, e por fim, disse:

— Tenho consciência do que fiz. Já li as escrituras e conheço as consequências. Sei que estou condenada e que nunca poderei receber perdão; portanto, por que deveria agora procurar arrepender-me?

Respondi-lhe: — Querida irmã, você não conhece as escrituras. Você não conhece o poder nem a bondade de Deus. Você *pode* ser perdoada desse terrível pecado, mas será necessário muito arrependimento sincero para conseguir tal objetivo.

Citei-lhe o apelo do Senhor:

“Pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que se

“não compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, não me esquecerei de ti.” (Isaías 49:15.)

Lembrei-lhe as palavras do Senhor em nossa dispensação, afirmando que todos os que se arrependem e obedecem aos mandamentos de Deus serão perdoados. (Ver D&C 1:32.) Olhou-me perplexa, mas parecendo ansiosa de acreditar nas minhas palavras. Continuei: — Eventualmente todos os pecados serão perdoados, menos o pecado imperdoável, desde que o transgressor se arrependa com sinceridade e pelo tempo que se fizer necessário.

Ela objetou novamente, embora estivesse começando a ceder. Queria tanto acreditar. Disse que sempre tivera certeza de que o adultério era imperdoável. Recorri outra vez às escrituras e li a tão repetida declaração de Jesus:

“Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada.

“Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no por vir.” (Mateus 12:31-32.)

Ela havia esquecido esta escritura. Seus olhos iluminaram-se. Reagindo com visível alegria, perguntou: — Isto é mesmo verdade? Será que posso realmente ser perdoada?

Sabendo que a esperança é o primeiro requisito, continuei lendo-lhe

diversas escrituras, visando edificar a esperança que nela fora desperdada.

Quão grande é a alegria de saber e sentir que Deus perdoa aos pecadores! Jesus declarou no Sermão da Montanha: “...Vosso Pai Celestial também vos perdoará.” (Mateus 6:14.) Isto, certamente, sob certas condições.

Na revelação moderna, o Senhor disse ao profeta: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.” (D&C 58:42.) O Senhor disse a mesma coisa pelo Profeta Jeremias: “...Pois, perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei.” (Jeremias 31:34.) Quão bondoso é o Senhor!

A mulher, que era basicamente boa, endireitou-se, olhou-me firme nos olhos, e em sua voz havia um novo poder e determinação ao dizer: — “Muito obrigada! Eu acredito em suas palavras. Arrepender-me-ei sinceramente e lavarei minhas vestes imundas no sangue do Cordeiro, e obterei o perdão.”

Não muito tempo atrás, ela voltou ao meu escritório. Era uma nova pessoa, olhos brilhantes, passos leves e, cheia de esperança, afirmou-me que, desde aquele dia memorável em que para ela o sol brilhou novamente, nunca mais adulterou, nem mesmo chegara perto desse terrível pecado.

Sem dúvida o Senhor ama o pecador, e especialmente aquele que está procurando arrepender-se, em-

bora o pecado lhe seja intolerável. (Ver D&C 1:31.) Aqueles que transgrediram podem encontrar muitas escrituras que os confortarão e incentivarão ao arrependimento total e contínuo. Por exemplo, continuando sua revelação a todos os homens, datada de 1.º de novembro de 1831, o Senhor afirmou:

“Entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado;

“E aquele que não se arrepende, dele será tirada até a luz que recebeu, pois o meu Espírito não lutará para sempre com o homem, diz o Senhor dos Exércitos.” (D&C 1:32-33.)

Devemo-nos lembrar de que esses mandamentos das obras-padrão da Igreja são “para todos os homens, e ninguém há de escapar”. Isto significa que o chamado ao arrependimento dos pecados é para todos os homens, e não apenas para os membros da Igreja, e nem somente para aqueles cujos pecados são considerados graves. E o chamado promete o perdão dos pecados aos que se arrependerem. Que grande farsa seria chamar o povo ao arrependimento, se não houvesse perdão, e que desperdício não teria sido a vida de Cristo, se não houvesse conseguido proporcionar (ao homem) a oportunidade de salvação e exaltação!

Às vezes, a consciência culpada subjuga a pessoa com tamanha opressão que, ao arrepender-se e olhar para trás e ver a hediondez e repugnância da transgressão, ela se vê quase esmagada e pergunta a

si mesma: — “O Senhor poderá um dia me perdoar? Poderei um dia perdoar a mim mesma?”

Mas, quando atingimos as profundidades do desespero e sentimos a fragilidade da condição humana, e quando rogamos a Deus implorando misericórdia, tendo fé, surge aquela voz calma, suave mas penetrante, sussurrando à alma: “Os teus pecados estão perdoados.”

A imagem de um Deus amoroso e clemente vem aos que lêem e compreendem as escrituras. Sendo nosso Pai, naturalmente deseja fazer-nos subir e não levar-nos ao insucesso; ajudar-nos a viver e não levar-nos à morte espiritual. “Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus. Portanto, convertei-vos e vivei.” (Ezequiel 18:32.)

Enquanto orava fervorosamente na dedicação do Templo de Kirtland, em 1836, o Profeta Joseph Smith expressou sua certeza de que os pecados podiam ser apagados: “Ó Jeová, tem misericórdia deste povo e, como todos os homens pecam, perdoa as transgressões do teu povo e apaga-as para sempre.” (D&C 109:34.) A idéia de apagar os pecados durante o processo do perdão foi também expressa pelo Senhor, quando disse: “Eu, eu mesmo sou o que apaga as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembrarei.” (Isaías 43:25.)

“Grandes são as palavras de Isaías”, disse o Salvador (3 Néfi 23:1), e as palavras do profeta tornam-se sublimes na conhecida passa-

gem em que promete perdão a todos os que se arrependem:

“Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto.

“Deixe o ímpio o seu caminho e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que *se compadecerá dele*; torne para o nosso Deus, porque *grandioso é em perdoar*.” (Isaías 55:6-7; grifo nosso.)

Que gloriosa promessa de perdão o Senhor fez através do grande Isaías! Misericórdia e perdão! O que mais o homem poderia desejar!

“Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.” (Isaías 1:18.)

No campo das transgressões sexuais, também muitos se preocupam profundamente. O Profeta Joseph Smith deu-nos diversas escrituras que atestam a realidade do perdão; e outras sagradas escrituras asseguram que o arrependimento, se for suficiente e total, pode trazer o perdão. Aqui estão algumas palavras escritas por Joseph Smith e outros profetas. Para ser mais conciso, farei apenas um sumário das frases-chave.

“Mas o que haja cometido adultério e se arrepender de todo seu coração, e o abandonar, e não mais o cometer, tu perdoarás.” (D&C 42:25.)

*Que desperdício teria
sido a vida de Cristo,
se não houvesse
conseguido proporcionar
ao homem a
oportunidade
de salvação e
exaltação!*

“Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.” (D&C 58:42.)

“...tenho poder para vos santificar, e vossos pecados são perdoados.” (D&C 60:7.)

“Eu, o Senhor, perdôo os pecados daqueles que os confessam perante mim e pedem perdão, se não pecaram mortalmente.” (D&C 64:7.)

“... quando ... se arrependem do mal, serão perdoados.” (D&C 64:17.)

“Pois serão purificados, assim como eu o sou.” (D&C 35:21.)

“Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados.” (Jeremias 31:34.)

“Desfaço as tuas transgressões como a névoa.” (Isaías 44:22.)

*A imagem
de um Deus
amoroso e clemente
vem aos que lêem
e compreendem
as escrituras.*

“... E se ele se arrepender com sinceridade de coração, a ele perdoarás, e eu também o perdorei.” (Mosiah 26:29.)

“E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades.” (Hebreus 10:17.)

Menos de um ano depois da restauração da Igreja de Jesus Cristo, o Redentor falou sobre o abominável pecado da infidelidade e luxúria, e as condições necessárias para o perdão:

“E aquele que olhar uma mulher para a cobiçar negará a fé e não terá o Espírito; e, se não se arrepender, será expulso.

“Não cometerás adultério; e o que cometer adultério, e não se arrepender, será expulso.

“Mas o que haja cometido adultério e se arrepender de todo o seu coração, e o abandonar, e não mais

o cometer, tu perdoarás.” (D&C 42:23-25.)

Já me referi à afirmação do Salvador de que toda sorte de pecado, exceto a blasfêmia contra o Espírito Santo, pode ser perdoada. (Ver Mateus 12:31.) É interessante notar que, ao preparar sua revisão inspirada dessa passagem, Joseph Smith acrescentou as expressivas palavras “que me receberem e arrependerem-se”, que se acham grifadas na passagem a seguir:

“Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens *que me receberem e arrependerem-se*; mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada aos homens. (Mateus 12:26, Versão Inspirada; grifo nosso.)

O Presidente Joseph Fielding Smith fez este comentário: “Todo aquele que não se arrepende, que permanece em seus pecados, jamais terá acesso às glórias do reino celestial.” (*Improvement Era*, julho de 1955, p. 542.) Esta afirmação concorda com tudo o que lemos nas escrituras sobre esse assunto, e que talvez possa ser resumido nas palavras de Alma: “...Pois que ninguém poderá ser salvo sem que suas vestimentas tenham sido lavadas até ficarem brancas; sim, suas vestimentas deverão ser purificadas, até estarem limpas de qualquer mancha.” (Alma 5:21.)

Ao oferecer essas sugestões, quero deixar bem claro que não tenho intenção de diminuir a seriedade dos pecados sexuais ou de outras transgressões, mas apenas transmitir es-

perança ao pecador, a fim de que homens e mulheres que estão em pecado possam lutar com todas as forças para superar seus erros, lavarem-se "no sangue do Cordeiro" e serem purificados, e assim podem retornar ao Criador. As pessoas envolvidas não devem relaxar por saberem que existe a possibilidade de alcançar o perdão. Como já afirmei antes, constitui-se em assunto sério e grave o fato de pessoas envolverem-se em pecados sexuais, dos quais o adultério é um dos mais graves.

As palavras de Paulo aos coríntios transmitem idéia semelhante:

"Não erreis; nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus." (I Cor. 6:9-10.)."

Eis uma afirmação verídica! Certamente o reino não pode ser habitado por homens como os que Paulo encontrou nos ramos da Igreja onde trabalhou. Dificilmente poderia haver glória, honra, poder e alegria se o reino eterno fosse composto de fornicadores, adúlteros, idólatras, pervertidos sexuais, ladrões, avaros, bêbados, mentirosos, rebeldes, perversos, usurários etc. Mas a declaração seguinte de Paulo nos traz conforto e esclarecimento:

"E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor, e pelo Espírito de nosso Deus." (I Cor. 6:11.)

Esse é o grande segredo. Alguns dos que herdarão o reino talvez tenham cometido esses pecados abomináveis, mas já não se encontram nessas categorias. Já *não são mais impuros*, pois foram lavados, santificados e justificados. Os ouvintes de Paulo encontravam-se nessas categorias desprezíveis; contudo, após receberem o evangelho com seus poderes purificantes e transformadores, mudaram de vida. O processo de purificação fora aplicado, foram lavados e se tornaram qualificados para a primeira ressurreição e para a exaltação no reino de Deus.

Quando um homem pervertido nasce novamente, seus hábitos são mudados, seus pensamentos purificados, suas atitudes regeneradas e elevadas, suas atividades postas em plena ordem, e tudo nele que estava sujo, corrompido ou estragado, passa a ser limpo e imaculado.

A analogia também se aplica a outras áreas da vida. As roupas sujas, por exemplo, após serem lavadas, engomadas e passadas, já não são mais sujas. Após a vítima de varíola ter sido tratada e curada, está livre de contaminação. Quando alguém é lavado e purificado, deixa de ser pecador. O processo de purificação é mencionado muitas vezes, em muitos lugares, por muitos profetas.

O efeito da purificação é maravilhoso. Almas atormentadas encontraram paz. Roupas sujas foram lavadas até ficarem impecáveis. Pessoas anteriormente maculadas, foram purificadas pelo arrependimento, tornando-se dignas para o serviço

no templo e de se apresentarem perante o trono real de Deus.

Para todo perdão, contudo, existe uma condição. O curativo precisa ser tão amplo quanto a ferida. O jejum, as orações e a humildade devem ser iguais ou maiores do que o pecado. Precisa haver um coração quebrantado e um espírito contrito. Precisa haver “pano de saco e cinza”. Precisa haver lágrimas e uma mudança genuína no coração. Precisa haver consciência do pecado, abandono do mal, confissão do erro às devidas autoridades do Senhor. Precisa haver restituição e uma mudança comprovada e decidida de atitudes, direção e destino. As condições precisam ser controladas e as companhias corrigidas ou mudadas. As vestes precisam ser lavadas até ficarem brancas, e precisa haver uma nova consagração e devoção à vivência de todas as leis de Deus. Em resumo, a pessoa precisa vencer o pecado e o mundo e a si mesma.

Depois desse profundo arrependimento, a pessoa está pronta para a misericórdia do Senhor. O Profeta Alma refere-se à misericórdia do Senhor, demonstrada através do poder purificador no qual o arrependimento cura o pecado, e a alegria leva ao “descanso” ou exaltação.

“Portanto, foram chamados segundo esta santa ordem (a do sumo sacerdócio) e santificados, e suas vestimentas foram branqueadas pelo sangue do Cordeiro.

“E sendo santificados pelo Espírito Santo, havendo sido branqueadas suas vestimentas, achando-se puros e

*Como é maravilhoso
ser purificado
da iniquidade,
mas quão melhor
é nunca
ter cometido
pecado!*

sem mancha perante Deus, só viam o pecado com horror; e muitos existiram, e grande foi o seu número, que foram purificados e receberam o descanso do Senhor seu Deus.” (Alma 13:11-12.)

Esta passagem indica uma atitude fundamental para a santificação que todos deveríamos estar buscando, e conseqüentemente para o arrependimento que faz jus ao perdão. É a de que o ex-pecador deve ter alcançado o ponto do qual não volta mais para o pecado, constituindo esse fato não apenas uma renúncia, mas também uma profunda aversão ao erro — aversão que transforma o pecado numa das coisas mais desagradáveis que já experimentou e que elimina de sua vida o desejo ou necessidade de transgredir.

Certamente é isto o que quer dizer, pelo menos em parte, ser puro de coração! E quando lemos no Sermão da Montanha que os “puros de

coração" verão a Deus, entendemos o significado da afirmação que o Senhor fez através do Profeta Joseph Smith, em 1832, de que positivamente as pessoas impuras podem aperfeiçoar-se e purificar-se:

"Portanto, santificai-vos, para que as vossas mentes se ponham de acordo com Deus, e dias virão em que o vereis; pois vos desvendará o seu rosto, e será em seu próprio tempo, a seu próprio modo, de acordo com sua própria vontade. (D&C 88:68.)

Novamente, em 1833, o Profeta assegurou que aqueles que se arrependem plenamente verão o Senhor; e isso significa perdão, pois apenas os puros de coração verão a Deus.

"Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou." (D&C 93:1.)

Tal era o estado de Enos, quando, após longa e fervorosa oração e sincero arrependimento, recebeu a garantia de que seus pecados estavam perdoados. Diz ele:

"E veio-me uma voz, dizendo: Enos, teus pecados te são perdoados e tu serás abençoado.

"E eu, Enos, sabia que Deus não mentiria..." (Enos 1:5-6.)

Tendo uma promessa tão magnânima, por que alguém hesitaria em eliminar todo o mal de sua vida e voltar-se ao Senhor?

Gostaria de acrescentar apenas mais um pensamento. Em todas as nossas expressões de gratidão pelo amor e clemência do Pai Celestial, não nos deixemos enganar, supondo que o perdão possa ser considerado superficialmente, ou que o pecado possa ser repetido impunemente após nos havermos arrependido.

"E o Senhor lhe disse: Perdoarei os teus pecados e os de teus irmãos; mas não pecareis mais, porque vos lembrareis de que meu Espírito não contenderá para sempre com o homem; portanto, se pecardes até estardes plenamente amadurecidos, sereis banidos da presença do Senhor." (Éter 2:15.)

Outro erro comum a alguns transgressores, por causa da disponibilidade do perdão de Deus, é a ilusão de que se tornam de alguma maneira mais fortes por terem cometido o pecado e depois passado pelo período de arrependimento. Isto simplesmente não é verdade. Aquele que resiste à tentação e vive sem pecado está em situação muito melhor do que o que caiu, não importa quanto se arrependa depois. O transgressor reformado, é verdade, pode compreender melhor alguém que cometa o mesmo pecado que ele, e neste sentido, talvez seja mais útil na regeneração do próximo. Seu pecado, porém, e arrependimento de modo algum o tornaram mais forte do que a pessoa que sempre viveu em retidão. Deus perdoará, disso podemos estar certos. Como é maravilhoso ser purificados da iniquidade, mas quão melhor é nunca ter cometido pecado!

Pelo que disse, espero que esteja claro que o perdão pode ser alcançado por todos os que não cometeram o pecado imperdoável. Felizmente para alguns, quando o arrependimento é compatível, Deus perdoa mesmo a quem foi excomungado, pois a excomunhão, assim como a cirurgia, às vezes se faz necessária.

“Mas, se ele não se arrepender, não o deveis contar entre os de meu povo, a fim de que não os destrua, porque eis que conheço minhas ovelhas e elas estão contadas.

“Não obstante, não o expulsareis de vossas sinagogas ou lugares de culto, porque a ele continuareis a ministrar; pois não sabeis se voltará, se se arrependerá e virá a mim

com toda a sinceridade de coração, e eu o curarei; e sereis vós os intermediários de sua salvação. (3 Néfi 18:31-32.)

O perdão dos pecados é um dos princípios mais gloriosos que Deus já deu ao homem. Assim como o arrependimento é um princípio divino, o mesmo acontece com o perdão. E se não fosse por esse princípio, não haveria motivo para o homem arrepender-se. Entretanto, graças a esse princípio, a todos é feito o convite divino:

Vinde, arrependei-vos de vossos pecados e sereis perdoados!

(Versão resumida de “Deus Perdoará”, *O Milagre do Perdão* pp. 321-340.)

Idéias para os Mestres Familiares:

1. Relate seus sentimentos a respeito das bênçãos do perdão. Peça à família que também compartilhe seus sentimentos.
2. Existem versículos de escritura e outras citações no artigo, que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Discuta o processo do arrependimento: tristeza pelo pecado, abandono do pecado, confissão do pecado, restituição, e cumprimento da vontade do Senhor. Por que é importante iniciar cedo esse processo, em vez de o procrastinar?
4. O Presidente Kimball afirma que alguns “que herdaram o reino podem ter cometido... pecados graves, mas... não são mais impuros, porque foram lavados, santificados e justificados... Quando alguém é purificado, limpo, e seus pecados são apagados, ele não é mais um pecador”. Debata a esperança e incentivo que esta mensagem pode trazer.
5. Esse debate seria mais bem sucedido, se falássemos antes da visita com o chefe da casa? Existe uma mensagem do líder de quorum ou bispo acerca de o chefe da casa ensinar os membros da família?

Recentemente entrevistei um portador do sacerdócio excepcionalmente fiel, com vistas a uma recomendação para o templo. Perguntei-lhe se apoiava o bispo, o presidente da estaca e o presidente da Igreja. Obviamente suas respostas foram afirmativas, sinceras e humildes. Indaguei se apoiava a esposa em seu chamado. Antes de responder que sim, ele parou um instante para pensar. Depois acrescentou:

— Sabe, presidente, isto tem sido bastante duro para mim. No passa-

do, era eu quem ocupava cargos executivos importantes na Igreja, mas agora os papéis estão invertidos. Minha mulher preside uma das auxiliares; os telefonemas são todos para ela; é ela quem comparece às reuniões de liderança e está em lugar de destaque. Agora sou eu quem muitas vezes fica em casa cuidando das crianças, enquanto *ela* trabalha na Igreja. Estou-me esforçando para apoiá-la, mas é uma experiência nova e nada fácil.

Quando a Esposa Tem um Chamado na Igreja

Gerald R. Schiefer



Falamos a respeito da importância eterna de marido e mulher trabalharem juntos, apoiando e sustentando-se mutuamente em todos os aspectos da vida, e encerrei a entrevista.

O serviço e a atividade na Igreja proporcionam grande satisfação pessoal para homens e mulheres. Interrompendo a rotina cotidiana, os encargos eclesiásticos nos animam e revitalizam, além de nos permitirem crescer espiritualmente, ampliar nossa esfera de influência e prestar serviço altruísta fora do lar.

O marido compreensivo saberá que precisa sacrificar um pouco de seu tempo e interesses para sua esposa poder servir e participar das atividades na Igreja. Fiquei surpreso ao saber, recentemente, que um bom amigo meu, membro ativo da Igreja, não permite que sua esposa frequente as reuniões noturnas de economia doméstica da Sociedade de Socorro para não ter de cuidar dos filhos pequenos. Parece incongruente ele negar-lhe essa oportunidade, e negar a si próprio e aos filhos a alegria de estarem juntos.

E comparo o caso com a satisfação demonstrada por um jovem casal. Ao se transferirem para uma nova ala, o marido, que se entendia particularmente bem com os jovens, foi chamado para um cargo administrativo no qual lidaria com adultos. Fiquei um pouco triste ao saber que não estava mais trabalhando com a juventude, devido ao bom entendimento e respeito que deles merecera. Mas a esposa comentou: — Não se preocupe, presidente. Meu marido *continua* trabalhando com os jovens, pois eu sou professora das Lauréis.

Este casal tinha a atitude certa. Eles sabiam que, como eram um, podiam compartilhar suas funções, quando apropriado. Sabiam também que precisavam um do outro para terem sucesso.

Numa recente reunião de conselho regional, um conselheiro de estaca falou alguma coisa de sua vida e prestou testemunho. Referindo-se à esposa, contou que, naquele momento, ela estava desincumbindo-se de uma grande responsabilidade numa reunião de liderança de auxiliar, e que ele estava orando para que se saísse bem. Apreciei esse exemplo de apoiar e sustentar a esposa em pensamento e oração.

O Presidente Spencer W. Kimball recomenda aos irmãos da Igreja que seu apoio à esposa deve ultrapassar a esfera temporal: “Pedro admoestou-nos a honrarmos nossa esposa (vide I Pedro 3:7)... Quando Paulo diz que o homem que não *cuida* dos seus ‘é pior que o infiel’ (I Tim. 5:8), gosto de pensar que cuidar dos seus implica prover-lhes a segurança de nosso afeto, além de segurança econômica. Quando o Senhor nos disse nesta dispensação que ‘as mulheres têm o direito de receber de seu marido o sustento’ (D&C 83:2), gosto de pensar que esse *sustento* inclui a obrigação de amá-las e prover-lhes consideração e atenção além da comida...

“Alguns de nós não somos compreensivos e atenciosos (com nossa mulher) como deveríamos sêr. Nossa despena pode estar repleta de mantimentos e ainda assim as irmãs sentirem-se famintas de afeto e reconhecimento pelo que fazem.”

A seguir, o Presidente Kimball referiu-se diretamente aos chamados na Igreja: "Irmãos, apoiemos as irmãs de nossa família em seus chamados na Igreja, da mesma forma que nos apóiam tão bem. Não as negligenciemos simplesmente porque elas, às vezes, continuam bondosas, mesmo quando negligenciadas."

Noutra ocasião, o Presidente Kimball explicou a espécie de sociedade que o casal deveria manter: "Quando falamos do casamento como uma sociedade, façamo-lo como sociedade plena. Não queremos que as mulheres SUD sejam sócias nominais ou parciais nessa sociedade eterna! Por favor, sejam sócias plenas e atuantes."

A meu ver, um sócio pleno tem condições de servir plenamente na Igreja com o apoio e incentivo do parceiro conjugal. Paulo o explica assim:

"Nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor." (I Cor. 11:11-12.)

Marido e mulher devem ser um, e como tal são obrigados a progredir rumo à exaltação como uma dupla, apoiando e sustentando-se mutuamente em todos os empreendimentos justos.

Quem sabe, nós, maridos, poderíamos escolher um momento tranqüilo para externar nosso afeto à esposa, dizendo-lhe quanto desejamos ser seu companheiro eterno e perguntando-lhe como poderíamos apoiá-la melhor, não apenas nos chamados na Igreja, mas em todos os aspectos da vida. As recompensas podem ser eternas.

Curiosidade:

Meu Único Torcedor

Elizabeth Nielsen

Dois meses após o casamento, fui chamada como presidente da Sociedade de Socorro da ala. Mais tarde, passei a presidente das Moças da ala, e a seguir da estaca. Depois de sete anos de casada, eu continuava ocupando cargos executivos na Igreja.

Como regra geral, na Igreja é o contrário, o marido ocupa cargos de responsabilidade e com isso se torna mais conhecido. Sem nenhum reparo, meu marido usava o carro mais velho, para que eu pudesse dirigir o novo, mais seguro; ficava em casa à noite, quando necessário, enquanto eu visitava as alas como representante da estaca e dirigia reuniões de liderança; ele ficava ouvindo na congregação, quando eu falava em conferências; financiava de bom grado os materiais para atividades da Igreja; e ainda dava atenção a qualquer problema, idéia ou preocupação minha.

De que maneira meu marido demonstra que me ama? Ele me apóia nos chamados que recebo. Sei perfeitamente que não poderia preenchê-los sem sua colaboração ou seu amor. Espero poder apoiá-lo na mesma medida em seus chamados presentes e futuros.

Ela Veio em Meu Auxílio

Janet Peterson

Três semanas após o nascimento de nosso quinto filho, meu marido foi chamado como bispo de nossa ala recém-criada. O presidente da estaca, ao entrevistar-nos, expressara sua preocupação com nossa família de filhos ainda pequenos, mas ressaltou que Larry havia sido chamado pelo Senhor. Minhas próprias preocupações diminuíram, quando sentimos a confirmação do Espírito.

As semanas seguintes, quando pudemos verificar na prática o que significa ser a família de um bispo e nosso filhinho Jeffrey assumia seu lugar na vida familiar, foram estimulantes e exaustivas. Ao diminuir a excitação das duas novidades, percebi minha exaustão física e mental e também que não me estava saindo a contento.

Foi quando a Irmã Camilla Kimball veio em meu socorro. Naquele ano, a Irmã Kimball fora convidada a falar numa reunião de Sociedade de Socorro de estaca, na Universidade Brigham Young, para a qual minha sogra e eu fomos convidadas por



minha cunhada, então presidente da organização. A Irmã Kimball baseou seu discurso em perguntas feitas pelos membros da estaca e, entre outras, respondeu a esta: “Como a irmã resolve algum problema, quando está magoada, e como aprendeu a agir em lugar de reagir?” Sua resposta honesta: “Aprendi a manter a boca quase sempre fechada.”

Meu espírito reagiu a estas palavras. Eu soube que quem falava já estivera onde eu estava, que ela também sentira dolorosas pontadas de solidão e suscetibilidade ferida, que às vezes são a sina da mulher de alguém profundamente envolvido em atividades que quase sempre a deixam de fora.

A Irmã Kimball explicou como superar esses sentimentos, os mesmos sentimentos que me apoquentavam. Descreveu como aprendera a carregar seu próprio fardo e ocupar-se ela própria nas atividades da Igreja, e ser feliz pessoalmente. A seguir falou: “Não existe na Igreja cargo mais exigente que o de bispo”,

acrescentando sentir grande empatia pelas esposas de bispo, particularmente aquelas com filhos pequenos.

Após a reunião, ao acompanhar essa querida irmã até o carro, minha cunhada nos apresentou à Irmã Kimball. A multidão já se dispersara e ficamos face a face. Disse-lhe o quanto apreciara suas palavras sobre carregar o próprio fardo e que ela me ajudara imensamente. Expliquei que meu marido era bispo havia somente dois meses e que tínhamos cinco filhos entre dez anos e três meses.

Nesse ponto a Irmã Camilla me puxou para si e me abraçou. Ao sen-

tir seu espírito e grande amor, percebi que nunca antes estivera tão perto de um ser celestial. Ao se despedir, ela disse: "E não se esqueça, você é exatamente tão importante quanto ele!"

Naquela noite, voltei para casa reanimada. Os domingos, já não pareciam mais tão longos e solitários como antes, e minhas obrigações como mulher do bispo tão duras. Fiquei emocionada e entusiasmada por estar casada com um homem maravilhoso que fora chamado como bispo pelo Senhor. Minha própria identidade perdera seus contornos vagos, voltando a assumir sua forma perfeitamente definida em minha mente.

A Primeira Estaca na Espanha

MADRI, ESPANHA.

Mais de 1.000 espanhóis lotaram um salão alugado em Madri, no dia 14 de março, para presenciar a organização da primeira estaca da Espanha, a Estaca Madri Espanha.

O Elder Howard W. Hunter, do Conselho dos Doze, presidiu a reunião que foi o clímax dos 14 anos de contínuo crescimento da Igreja nessa terra de herança tão rica. Esteve presente o Elder James M. Paramore, do Primeiro Quorum dos Setenta, administrador executivo da área.

"Os membros estavam entusiasmados com o acontecimento," disse o Elder Hunter ao retornar a Salt Lake City. "Eles estavam emocionados por finalmente terem uma estaca da Igreja em seu próprio país."

A Espanha é a última das principais nações da Europa Ocidental a ter uma estaca dentro de suas fronteiras. A primeira estaca européia foi organizada na cidade de Manchester, na Inglaterra, em 1960. No ano passado, a Estaca Lisboa Portugal tornou-se a mais recente na Europa, além da Espanha.

O Elder Hunter disse que a estaca será formada de quatro alas e quatro ramos na área de Madri. Terá como presidente José M. Oliveira, antigo presidente do distrito. Seus conselheiros serão José Luís Bajo, antigo membro da presidência do distrito, e J. L. Bonet, do conselho do distrito.

Victor Clemente Calvo, que era conselheiro na presidência do distrito, foi chamado como patriarca da estaca.

Foi justo que o Elder Hunter participasse da organização da primeira estaca da Espanha, já que havia ajudado a abrir caminho para que a Igreja entrasse oficialmente no país. Em 1967, enquanto presidia a missão da Europa Ocidental, o Elder Hunter trabalhou com vários grupos, incluindo alguns S.U.D. que eram membros das forças armadas, a fim de conseguir que o parlamento espanhol decretasse a lei de Liberdade Religiosa.

Uma vez decretada essa lei, a Igreja logo obteve o reconhecimento oficial do Ministério da Justiça da Espanha, e a obra missionária foi iniciada. A Missão da Espanha foi organizada em 1970, e atualmente existem três missões no país.

Durante os primeiros anos da Igreja na Espanha, a liderança consistia principalmente de membros das forças armadas dos Estados Unidos que serviam lá.

A primeira reunião em espanhol, foi realizada em 4 de fevereiro de 1968, sob a direção do Pres. Oliveira. Desde aquela época, começaram a surgir membros espanhóis. O Elder Hunter disse que ficou especialmente satisfeito ao ver que após apenas 14 anos, todas as posições administrativas da estaca e presidências de ramo, com apenas uma exceção, estão ocupadas por espanhóis.

"Este povo está bem treinado além de estar tomado pelo espírito de trabalho," disse o apóstolo. "A Igreja na Espanha prosperará sob sua liderança."

Compartilhar o Evangelho com Amigos pela

Numa reunião de liderança de estaca, em novembro de 1961 eu e muitos outros aceitamos o desafio de participar do programa cada-membro-um-missionário, recém-introduzido pelo Presidente David



O. McKay. A convite do Élder Spencer W. Kimball, na época membro do Quorum dos Doze, prometi dar o exemplo aos membros de minha área, convidando a minha casa amigos não-membros para palestras missionárias.

Uns dois meses depois, em outra reunião de liderança, o Élder Delbert L. Stapley, do Quorum dos Doze, perguntou, a pedido do Élder Kimball, quantos haviam tomado providências práticas a respeito daquele pedido. Apenas três dos quase cinquenta presentes haviam perguntado a amigos não-membros se estavam interessados, e apenas um con-

Abordagem em Grupo

Robert L. Hamblin



seguira arranjar as palestras. Profundamente envergonhado de encontrar-me entre os que nem sequer haviam tentado, concluí que o Senhor realmente queria que fôssemos membros missionários. Afinal, havia mandado *dois* de seus *doze* apóstolos para nos ensinar e fazer assumir tal compromisso.

Naquela noite, depois de conversar a respeito com minha mulher, iniciamos uma lista de não-membros com quem tínhamos familiaridade suficiente para perguntar se estavam interessados. Para surpresa nossa, a lista chegou perto dos quarenta.

Compreendemos que era puro medo o que nos impedira de abordar os amigos a respeito das palestras missionárias, medo de estragar nossa amizade e de perdermos o respeito na comunidade não-mórmon, se soubessem o que estávamos fazendo. Isto prejudicaria não só a nós, mas também a Igreja. Logo tivemos uma agradável surpresa em todos os sentidos.

Debatendo como iríamos abordar os amigos, chegamos à conclusão de que seria mais fácil aceitarem, se houvesse outros casais não-mórmons presentes. Em grupo, ficariam mais à vontade, sem serem o centro das atenções. Além disso, sabíamos do sucesso de Wilford Woodruff pregando a grupos grandes. Naquelas ocasiões, aparentemente o Espírito agia com intensidade, a ponto de os ouvintes às vezes receberem um testemunho suficientemente forte para se batizarem na hora.

Tendo chegado a esse ponto, entramos em contato com um dos líderes de distrito de nossa missão, o Élder Bruce Chadwick, e lhe expusemos nossos planos. Ele ficou entusiasmado e ofereceu-se para apresentar as palestras, auxiliado por um dos líderes de zona, o Élder Dennis Stoddard.

*O Espírito converte,
mas a pessoa
também precisa
convencer-se
intelectualmente
de que a Igreja
é verdadeira.*

Uns dias mais tarde, os dois nos visitaram para discutirmos melhor o assunto. Decidimos servir, nos primeiros quinze ou vinte minutos da reunião, uma sobremesa para “quebrar o gelo”. Assim não prejudicaríamos a influência espiritual que os élderes desejavam que os pesquisadores levassem para casa.

O élder encarregado do ensino periodicamente nos faria alguma pergunta, sinal para prestarmos testemunho, se fôssemos inspirados, a respeito do assunto discutido. Nós ajudaríamos também a responder às

perguntas. Os élderes decidiram deixar o desafio batismal e a Palavra de Sabedoria para o fim, quando nos poderíamos reunir individualmente com cada pesquisador. Isto evitaria qualquer suspeita de pressão durante as reuniões em grupo, sem prejudicar o processo da conversão: os índices batismais e de atividade a longo prazo provaram-se mais altos que o usual.

Antes de cada palestra, os élderes chegavam mais cedo e se ajoelhavam conosco ao buscarmos o auxílio do Espírito. Além disso, eu devia pedir a um membro que proferisse a primeira oração, e a outro que encerrasse a reunião com uma prece.

Finalmente, estávamos prontos para marcar as reuniões com nossos amigos. Esperávamos conseguir formar dois grupos de quatro ou cinco pesquisadores, se convidássemos todos os nomes alistados. Um grupo se reuniria nas sextas à noite, e o outro no domingo.

Ao visitar nossos amigos não-membros, procurávamos nunca usar exatamente as mesmas palavras. Todavia, o que segue é típico do que dizíamos e fazíamos.

Pedir permissão. Antes de convidar um casal em que um não era membro, primeiro pedíamos permissão ao cônjuge membro da Igreja, explicando nossos planos e indagando se poderíamos visitá-los para fazer o convite. Ocasionalmente encontramos certa resistência. Nesse caso, sugeríamos que o membro deixasse o cônjuge exercer seu livre arbítrio, aceitando ou não o convite. A pessoa geralmente concordava.

Fazer a visita. Achamos melhor aparecer de improviso na casa de um casal não-membro ou do qual apenas um fosse membro da Igreja, numa hora em que provavelmente ambos estivessem em casa. Em geral, começávamos conversando com eles durante alguns minutos.

Fazer o convite. Quando achávamos ter chegado o momento oportuno, dizíamos mais ou menos: "Estamos convidando diversos casais para uma série de palestras sobre a Igreja SUD. Essas palestras abordarão as doutrinas fundamentais. A maioria das pessoas concorda que são informativas e interessantes. Além disso, poderão fazer perguntas e discutir quaisquer dúvidas que tenham a respeito da Igreja, seus programas e crenças." Então, sem esperar resposta, acrescentávamos: "Gostaríamos de contar com a presença de ambos. Talvez não estejam interessados na Igreja, mas será uma ótima oportunidade para verificarem em que acreditam seus amigos mórmons (ou sua esposa, marido). Assim poderão apreciar melhor o que eles sentem."

A fim de minimizar possíveis temores a respeito de pressão e compromisso, um de nós dizia: "Se resolverem comparecer, a certa altura provavelmente serão convidados a se tornarem membros. Entretanto, achamos que as pessoas só devem unir-se à Igreja, se realmente o desejarem."

Enfrentar objeções. Informar-se mais a respeito da religião do cônjuge ou amigos às vezes não bastava para motivá-los. Muitas vezes, esses pesquisadores potenciais nos diziam

por que hesitavam em comparecer às palestras. Nesse caso, geralmente procurávamos responder às objeções de maneira delicada e atenciosa. Com isso, muitas vezes mudavam de idéia e concordavam em participar.

Aos amigos não muito religiosos, dizíamos: “Nossa filiação à Igreja nos provê muito propósito e realização pessoal e familiar. Essas palestras lhes darão informações fidedignas sobre o que é tão valioso para nós.”

Alguns de nossos amigos não-membros eram religiosos e sabiam um pouco a respeito das doutrinas da Igreja, mas tinham objeções definidas. A eles respondíamos: “O Senhor disse ao Profeta Isaías: ‘Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos.’ (Isaías 55:8.) Estas palestras lhes permitirão descobrir pessoalmente se a Igreja se fundamenta nos pensamentos e caminhos de Deus.”

Aos casais com filhos pequenos ou que planejavam ter filhos, costumávamos dizer: “A Igreja Mórmon tem excelentes programas para todos os grupos etários, particularmente para as crianças, adolescentes e moços. Verificamos que, quando os pais servem na Igreja e guardam os mandamentos, os filhos geralmente não se metem em dificuldades e se tornam adultos bem ajustados e felizes.”

Quando tínhamos certeza de que o casal se amava muito, bem como

aos filhos, dizíamos às vezes: “Um atrativo da Igreja Mórmon é o casamento eterno; isto é, se marido e mulher e os filhos forem dignos, continuarão sendo uma família no mundo vindouro. Talvez vocês gostassem de saber mais a respeito.”

Chegando a hora dos arranjos finais, comunicávamos a nossos amigos o horário das reuniões. Então um de nós indagava: “Vocês aceitam nosso convite?”

Quando começamos a usar essa abordagem, ficamos surpresos — cerca de *dois terços* de nossos amigos aceitaram o convite. Depois de perguntar apenas a dezesseis casais de nossa lista original, já tínhamos dois grupos de seis pesquisadores cada. Assim, somados a três ou quatro cônjuges que eram membros, os missionários e nós, cada grupo compunha-se de treze ou quatorze pessoas.

A alguns que recusaram o primeiro convite, fizemos posteriormente um segundo. Geralmente dizíamos apenas que estávamos iniciando nova série de palestras sobre a Igreja, e se estariam interessados em participar desta vez. Sentimo-nos inspirados a fazer esses segundos convites e ficamos felizes quando alguns o aceitaram.

Conforme esperamos, o Espírito testificou fortemente nessas reuniões. Tocados pela experiência, a maioria dos não-membros mostrou-se visivelmente comovida.

Em geral, um dos élderes apresentava a primeira parte da palestra e

o outro, a segunda, sempre incentivando perguntas. Às vezes, perguntavam aos pesquisadores se queriam deixar a resposta para a semana seguinte. Eles sempre concordavam e nós sempre dávamos a resposta prometida. Entretanto, a maioria das perguntas era respondida imediatamente com conhecimento de causa e inspiração. Os pesquisadores qua-

*Alguns de nossos
pesquisadores
que ouviram
todas as palestras
e a princípio
não quiseram
batizar-se,
foram batizados
anos mais tarde.*

se sempre se mostraram satisfeitos.

Exercíamos muito cuidado e paciência ao responder às perguntas, geralmente com auxílio da Bíblia, e às vezes das escrituras modernas. O Espírito converte, mas a pessoa também precisa convencer-se intelectualmente de que a Igreja é verdadeira. Isto acontece ouvindo palestras, lendo o Livro de Mórmon e outras obras da Igreja, e recebendo resposta às perguntas. Quando o fa-

zem com intenção sincera, geralmente têm mais capacidade de distinguir entre a reação puramente emocional e a influência do Espírito. Por isso, nunca nos cansávamos de responder às perguntas, procurando fazê-lo com clareza, competência e sob a influência do Espírito. Toda pergunta era respondida, embora nem sempre imediatamente. Certas perguntas levantavam pontos para os quais os pesquisadores ainda não estavam preparados, e outros desviariam o debate do ponto principal em pauta. Nesses casos, explicávamos por que estávamos adiando a resposta, tentando dar-lhes uma idéia de quando seria respondida.

No decorrer das palestras, víamos o testemunho do evangelho crescer à medida que estudavam e oravam com o desejo de saber se a Igreja era realmente verdadeira. Geralmente aguardávamos até que os pesquisadores mostrassem não ter mais perguntas a fazer e ter o testemunho do Espírito, para convidá-los a se filiar à Igreja. Num dos casos, nosso amigo fez-nos ir cinco vezes à casa dele depois do término das palestras. Todas as vezes ficamos respondendo às suas perguntas por cerca de uma hora. Finalmente, ele não tinha mais perguntas, e o casal, que então já obtivera um testemunho da Igreja e desejava filiar-se a ela, prontamente aceitou nosso convite para batizar-se.

Terminada a série de palestras, agradecíamos a participação de todos e os informávamos de que iríamos visitá-los. Após dois ou três dias,

visitávamos cada casal com os élderes, respondendo a eventuais perguntas e a seguir, convidando-os simplesmente a se filiarem à Igreja. Para nossa surpresa, dois terços do primeiro grupo aceitaram o convite.

Na semana seguinte, diversos de nossos amigos membros, que souberam do sucesso, indagaram se estávamos planejando organizar outros grupos. Respondemos afirmativamente, convidando-os a participar com seus amigos não-membros. Diversos aceitaram.

Dessa vez, convidamos todos os nomes restantes de nossa lista. Novamente, tivemos sucesso com cerca de dois terços. Visitamos também a casa dos casais que participaram dos primeiros grupos, mas não se haviam batizado, dizendo-lhes simplesmente que tínhamos organizado dois novos grupos para os quais estavam convidados. Para surpresa nossa, todos aceitaram o convite. Desta vez, os grupos compunham-se de umas vinte e cinco pessoas cada, e o Espírito revelou-se ainda mais forte.

Os élderes Chadwick e Stoddard mostraram-se mais hábeis na apresentação das palestras e nossas respostas eram mais claras. Nós também nos mostramos mais sensíveis ao Espírito em nossas preces. Diversos membros que participaram disseram-nos mais tarde que não sabiam realmente o que era um testemunho até experimentarem o ensino e o Espírito naquelas reuniões. Para nossa costumeira surpresa, uns dois terços dos participantes obtiveram um tes-

temunho e foram batizados, além de algumas crianças instruídas separadamente pelos élderes.

Nessa época, estávamos preparados para fazer proselitismo indefinidamente, porém nos faltavam amigos não-membros para convidar. Tempos depois, tendo feito amizade com uns trinta não-membros, repetimos a experiência com o mesmo sucesso. Então nos mudamos para Tucson, Arizona. E mais uma vez, depois de arranjar uns trinta amigos não-membros, convidamo-los para as palestras em nossa casa. As duas experiências com grupos aqui tiveram o mesmo êxito de antes. Novamente, uns dois terços aceitaram participar, e destes, cerca de três quartos concordaram em batizar-se. Esses grupos foram ensinados por mim e minha mulher, June, uma vez que havíamos sido chamados para a missão de estaca. Não fosse isso, teríamos novamente recorrido aos missionários de tempo integral.

Nenhum de nossos amigos pareceu ficar melindrado pelo convite ou pelas palestras. Somente a décima parte deles, mais ou menos, decidiu abandonar as palestras depois da segunda ou terceira. Apenas um quarto das pessoas que terminaram as palestras decidiram não filiar-se. Nenhum dos que mostrou desinteresse posteriormente se queixou de ter sido convidado ou rejeitou nossa amizade.

Alguns de nossos pesquisadores que ouviram todas as palestras e a

princípio não quiseram batizar-se, foram batizados cinco e até mesmo dezenove anos mais tarde. Eles simplesmente precisaram desse tempo para a conversão. Logicamente, se houvéssomos negligenciado nossa amizade após a palestra, teríamos obstado, em lugar de auxiliado sua decisão final. Alguns desses não-membros aceitaram nosso convite para participar das palestras novamente com outros grupos, e assim formamos cinco novos grupos. Os que até agora não se filiaram, tornaram-se ainda assim bons amigos da Igreja. Alguns comparecem esporadicamente às reuniões, e todos têm contribuído para fundos de construção e outros programas da Igreja. Achamos que a maioria pro-

vavelmente tem testemunho, mas ainda não conseguiu filiar-se.

Cerca de noventa por cento dos que se batizaram em consequência daquelas reuniões em grupo continuam ativos. Os aspectos singulares das palestras em grupo devem ter tido influência; os pesquisadores viram os outros dirimindo suas dúvidas, sendo influenciados pelo Espírito, orando, obtendo testemunho e decidindo-se ao batismo. Creditamos às reuniões em grupo o desenvolvimento de um vínculo de amizade entre nós, o qual, no transcorrer dos anos, nos ajudou a conservar nosso testemunho e fidelidade à Igreja. Descobrimos a veracidade de que às vezes a melhor abordagem é a direta.

CONVERSEMOS A RESPEITO

Depois de ler "Compartilhar o Evangelho com Amigos" individualmente ou em família, você poderia debater com seus familiares algumas das perguntas a seguir, numa hora dedicada ao estudo do evangelho.

1. Quais são as vantagens e desvantagens do ensino do evangelho a grupos de amigos não-membros?

2. Que sugestões do artigo nos ajudam a enfrentar objeções de amigos não-mem-

bro, quando os convidamos para as palestras missionárias?

3. Se ainda não convidaram nenhum amigo não-membro para participar de palestras missionárias ou se tiveram pouco sucesso, que plano poderiam formular para vencer as barreiras?

4. Quais dos amigos não-membros vocês poderiam convidar para as palestras missionárias, seja em grupo ou individualmente?

A Mediadora de Laura

Sarah E. Hinze



Tenho tido muitas experiências espirituais como professora visitante da Sociedade de Socorro. Uma delas, ocorrida anos atrás, continua sendo uma recordação agradável.

Minha companheira e eu fomos designadas a visitar a viúva Anderson (nome fictício) e seu filho e filha, ambos adultos, porém retardados mentais. Ao fim de vários meses de visitas, conhecemos seu filho, mas não Laura, a filha, extremamente tímida. A mãe contou que assim que Laura via ou ouvia alguém chegando, refugiava-se em seu quarto.

Um sábado, à tarde, depois de comparecer a um seminário da Sociedade de Socorro, decidi visitar os Anderson, pois não conseguíamos encontrá-los em casa naquele mês. O comentário de uma das oradoras do seminário me atingiu profundamente: "Ao fazerem as visitas, vocês se esforçam realmente para servir as irmãs, ou simplesmente se contentam em ticar os nomes mensalmente, depois de haverem cumprido sua obrigação?" A pergunta me tocou de fato porque, ao fim de meses de visitas, ainda não fizéramos um esforço decidido para conhecer Laura. Orei em meu coração para encontrar Laura em casa naquela tarde e ter oportunidade de conhecê-la.

Quando toquei a sineta, fui atendida pela Irmã Anderson que me fez entrar na sala de estar, desculpando-se momentaneamente para acudir alguma coisa no fogão. Ali estava Laura, sentada na cadeira de balanço

com a perna apoiada num banquinho.

A princípio, pareceu perplexa com minha presença, mas logo se acalmou, quando me abaixei e me interessei por seu pé.

Senti o Santo Espírito tocar-me de maneira calma, simples, e, à medida que os pensamentos me ocorriam, eu os transmitia a Laura.

— Gostaria de que você frequentasse a Sociedade de Socorro, disse-lhe. Seria bom para todas nós podermos sentir seu belo espírito.

— Eu adoraria ir, replicou, mas tenho um problema no pé. Há meses que não consigo enfiar um sapato, e dói muito quando tento andar.

Voltei os olhos para seu pé. De fato, apresentava uma considerável excrescência e percebi que devia mesmo atrapalhar e doer bastante ao andar.

O Espírito me sussurrou: *O problema dela é seu problema agora. O que você vai fazer?*

Será que convém levá-la a um médico? pensei, e o Espírito respondeu: *Sim, imediatamente.*

Agora mesmo? pensei.

Agora mesmo.

— "Laura," disse eu, "você me permite ajudá-la com seu pé? O tio do meu marido é médico. Ele não está trabalhando hoje e mora bem

perto de casa. Você quer ir comigo para ver o que ele poderia fazer por você?"

Laura ficou olhando-me por um momento com os olhos irradiando confiança.

— "Vou, sim", respondeu. "Só preciso de alguns minutos para me aprontar. Será que você me ajuda?"

Ajudei-a a levantar-se e a acompanhá-la até o quarto, e fui tocada pela beleza simples que ali reinava. Quantas horas e quantos anos Laura ficara sentada naquela cama a sós, com seus pensamentos e sentimentos? Parada junto à porta, enquanto ela apanhava suas coisas, senti o poder do Espírito Santo mais forte ainda que antes. Era como se o próprio Mestre estivesse do meu lado.

Meus olhos marejaram. O Senhor estava realmente atento a esse ato em favor de Laura! De repente, a vida e os ensinamentos do Salvador pareceram tornar-se muito simples. "Apascentai minhas ovelhas," dizia ele. "Amai-vos uns aos outros."

Pedi permissão à mãe de Laura, que agradeceu meu interesse pela filha. Ela pensara que aquela ex-crescência fosse consequência inalterável da poliomielite que atingira Laura aos treze anos.

Fomos ao médico. Sim, o problema de Laura era consequência da pólio, mas tinha solução. Ele me indicou um especialista, membro da Igreja, que concordou em atender Laura dentro de poucos dias.

Depois de o especialista haver examinado o pé de Laura, ele veio verme na sala de espera.

— A senhora é irmã de Laura? indagou.

— Bem, ela me chama de irmã Hinze. Sou sua irmã no evangelho, expliquei, ao que ele sorriu compreensivamente.

*Senti o poder
do Espírito Santo
mais forte ainda
que antes.
Era como
se o
próprio Mestre
estivesse do meu lado.*

— Ela me disse que fosse conversar com sua irmã que a estava esperando.

— Ela necessita de cirurgia imediata, explicou. Depois, voltará a andar quase que normalmente, após vinte e cinco anos. E a propósito, irmã Hinze, se houver algum problema financeiro, terei prazer em operá-la graciosamente.

Ele sorriu e eu sabia que também fora tocado pelo Espírito.

Laura foi operada. Tudo correu bem. No dia seguinte, fui visitá-la no hospital com minha companheira. Laura estava radiante. Estava fora da cama, andando de lá para cá, emocionada com a perspectiva de poder andar novamente.

Seu pé sarou depressa. Logo estava livre dos curativos e pronta para ir aonde quisesse. Nessas alturas, estávamos fazendo visitas quase que semanais na casa de Laura para observar seu progresso. Uma manhã, enquanto conversava com ela, o Espírito me sussurrou: *"Agora que está boa do pé e pode andar normalmente, você precisa encontrar uma ocupação significativa para ela."*

A sugestão não me surpreendeu realmente, apenas me assustou um pouco, ao compreender como nunca antes, que o Senhor deseja que nos fortaleçamos mutuamente e cuidemos um do outro.

Conversei a respeito de Laura com a mãe. Ela mostrou-se grata pelo meu interesse e solicitou minha ajuda. Depois de orar, debati os influxos recebidos com minha companheira e meu marido. Pusemos mãos à obra.

Numa comunidade próxima, existia uma escola especializada para excepcionais e meu marido sugeriu que fôssemos procurar um amigo dele, ligado a essa escola. Esse amigo

marcou uma entrevista comigo e Laura.

Quando fomos apanhar Laura no dia marcado, vimos que a mãe lhe comprara roupas novas. Eram simples e baratas, mas Laura estava linda. E também nervosa. Era um dia todo especial para ela, um dia incomum. Duvidava de sua capacidade de freqüentar a escola, mas queria de todo o coração sair-se bem.

Os administradores da escola trataram Laura com toda gentileza. Ela ficou entusiasmada, quando nos mostraram as instalações e nos falaram do programa: aulas durante parte do dia, e oportunidade de ocupação remunerada durante o resto. Imagine, poder ganhar dinheiro! Algo com que nem sequer sonhava algumas semanas atrás.

Quando estávamos preenchendo os formulários de admissão, o diretor comentou:

— Sra. Hinze, estamos satisfeitos em poder receber Laura em nossa escola. Permite-me colocar seu nome e endereço no formulário, para mantê-la informada do progresso dela? Todavia, não sei como designá-la: amiga? mantenedora? mediadora? É, acho que a chamaremos de mediadora. A mediadora de Laura. Concorda?

Lágrimas de gratidão transbordaram de meus olhos.

— Mediadora está perfeito.

Meu marido, Howard, desce de excelentes antepassados mórmons. Ambos os pais eram de devotas famílias pioneiras. Seus dois avós foram convocados a participar da expedição em busca de um caminho para a área do Rio San Juan, em 1879-80.

A Força do Amor

Jane Raley Robinson



O pai de Howard mudou-se com a família de Paragonah, no sudoeste de Utah, para o planalto ocidental do Colorado em 1927, região excelente para continuar criando ovelhas, mas sem cidades na vizinhança e muito menos alas da Igreja.

Howard e o irmão aprenderam a trabalhar desde cedo. Uma vida de trabalho duro que nunca acabava e de aprender a enfrentar um meio ambiente agreste, frio e isolado, longe da família e da Igreja, desenvolveu sua auto-suficiência, mas não o testemunho do evangelho. Eram dois rapazes totalmente independentes, que achavam não precisar de religião.

Howard e eu nos conhecemos em 1938, aos dezesseis anos. Era um “daqueles mórmons”. Não obstante, quatro anos depois estávamos casados. Passados seis anos, tendo já três filhos, fui visitada pelos missionários e tornei-me uma “daquelas mórmons”. Havia uma diferença, porém. Eu procurava o evangelho verdadeiro havia anos, e quando o encontrei, aceitei-o de todo o coração. Estava decidida a criar nossa família no evangelho e tentei energeticamente converter meus familiares e meu marido.

Meus familiares se afastaram de mim, uma das piores provações por que passei. Depois, meu marido tornou-se indiferente, até mesmo ressentido, quando um pequeno ramo da Igreja foi estabelecido em nossa

região. Eu era feliz servindo na Primária e na Escola Dominical, e sempre levava meus filhos, cinco agora, comigo. Mas Howard ressentia-se do tempo que eu passava na Igreja e não fazia nenhum segredo disso. Eu estava temerosa e me julgava traída. Como conseguir que houvesse harmonia em casa?

Um dia, fui dar uma volta pelo campo de feno, confusa e abandonada. Em prantos, ajoelhei-me junto a uma meda de feno e orei fervorosamente ao Pai Celeste. Passado um longo tempo, veio a resposta: *Ame-o!*

Mas esta não era a resposta esperada. Pensei: *Eu o tenho amado; fiz tudo o que pude.* Porém, voltando para casa e procurando esquecer o conselho, percebi que não conseguia. Naquela noite voltei a orar:

— Como, Pai Celeste, como posso mostrar-lhe que o amo?

Finalmente veio a resposta: *Deixando de criticá-lo. Respeitando-o. Elogiando-o, comunicando-se com ele. Prestando-lhe testemunho!*

Subitamente percebi como estivera errada. Eu costumava criticar e mostrar-me ressentida. Raramente elogiava Howard e nunca lhe abria de fato meu coração, exceto quando zangada. Nunca lhe dissera quanto o Salvador significava para mim ou como me sentia com respeito ao evangelho.

Eu precisava mudar. Não havia escolha; o Espírito insistia diariamente. Dias mais tarde, pela primeira vez, consegui prestar-lhe testemunho. Ele ficou ouvindo e isto me encorajou. Pedi ajuda a nossos filhos; jejuamos e oramos juntos. Recorri aos líderes do sacerdócio da ala, e eles me deram apoio.

Aos poucos, com a ajuda divina, comecei a perceber mudanças. Howard compareceu a alguns programas em que nós, as crianças e eu, participamos; ocasionalmente nos acompanhava às reuniões. Depois de quatro filhos nossos terem-se casado no templo sem nossa presença, o quinto comunicou-nos que ficara noivo e disse que tínhamos um ano para nos prepararmos para acompanhá-lo ao templo.

Howard ficou em dúvida se conseguiríamos, mas ainda assim estabelecemos a meta. E afinal, depois de trinta e cinco anos de casados, fomos ao templo! Os nossos cinco filhos, com os respectivos cônjuges, nos acompanharam ao Templo de Provo, onde fomos selados como família. Que dia maravilhoso, feliz, espiritual!

A partir daí, Howard serviu como chefe de escoteiros, presidente do quorum de élderes, conselheiro no bispado, mestre familiar e atualmente é líder de grupo dos sumos sacerdotes. É amado e respeitado por todos os que o conhecem. Como sou grata pela resposta à minha oração: *Ame-o!*

De Crítico a Converso

Joseph W. Darling

Uma jovem que encontrei num baile de sábado em Belfast, Irlanda do Norte, foi meu primeiro contato com a Igreja Mórmon. Combinamos um encontro para a noite seguinte, domingo, e assim fui a minha primeira reunião em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Entretanto, devido a minha formação religiosa e participação em duas seitas protestantes, não me mostrei muito acessível aos SUD.

Na verdade, gostava de aporrear jocosamente os élderes quando faziam reuniões de rua, e discutia com eles a validade de Joseph Smith como profeta. Talvez devido ao meu interesse pela moça continuei a frequentar reuniões e programas sociais

da Igreja, sem contudo deixar de negar teimosamente a autoridade divina de Joseph Smith.

Então aconteceu! Certa noite, na reunião sacramental, pediram a um jovem élder recém-chegado ao campo missionário, que prestasse testemunho. Ele parecia um pouco desarrumado e cansado da viagem. Falava inglês com sotaque germânico e, ao vê-lo ali de pé, pensei que era o pior embaixador que a Igreja poderia ter escolhido.

Simples e humildemente, contou a história de Joseph Smith com lágrimas rolando pelas faces. E eu acreditei nele, chorando abertamente com ele. Pouco depois, era batizado em Helens Bay, Belfast Lough.

Durante muitos anos, meu pai não reconhecia a existência de Deus, apesar de maravilhar-se com suas obras conforme as via em a natureza.

Todo verão, tínhamos férias familiares, não em conhecidas estâncias climáticas nas montanhas ou alguma praia famosa, mas aventurando-nos pelas maravilhas da natureza ainda indomada e agreste. Às vezes, saíamos caminhando pelas montanhas com mochila nas costas. Outros verões, seguíamos antigas trilhas com um cavalo de carga,

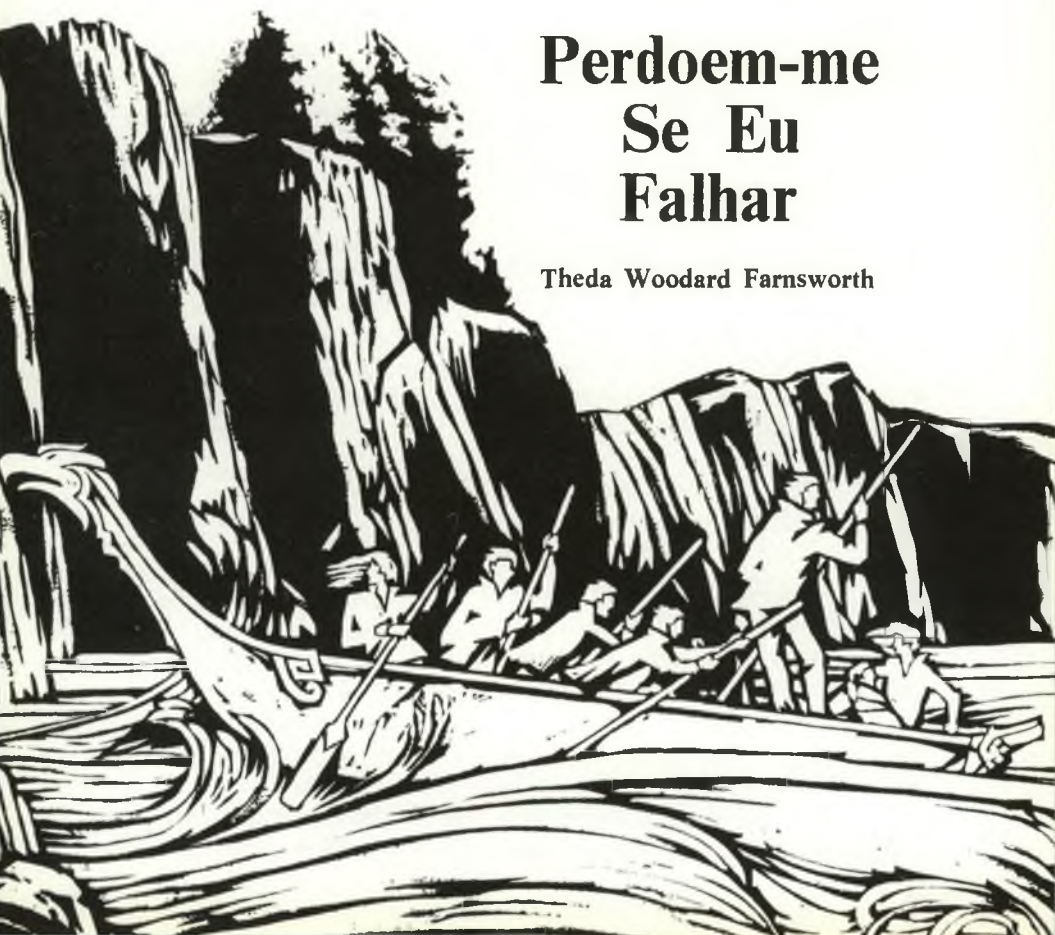
ou nos embrenhávamos no sertão viajando num carroção aberto, semelhante aos usados pelos pioneiros.

Das muitas aventuras vividas naquelas deliciosas excursões, recordo-me principalmente de um incidente acontecido em Puget Sound, no Estado de Washington.

Naquele verão, escolheramos como meio de transporte uma canoa indígena de nove metros de comprimento, que ostentava na proa uma alta carranca de animal, vivendo realmente como os povos primitivos

Perdoem-me Se Eu Falhar

Theda Woodard Farnsworth



faziam. Estávamos queimados de sol, fortes e resistentes, e extremamente felizes.

Já quase no fim dessa maravilhosa excursão, estávamos uma tarde deitados preguiçosamente numa praia, simplesmente matando o tempo. Então, de repente, tivemos a sensação de que deveríamos prosseguir, apesar do adiantado da hora. Como a inspiração fora unânime, metemo-nos na canoa depois de forrá-la com cobertores para os que quisessem dormir, e partimos rumando para a praia no lado oposto da baía.

A canoa era tão larga, que papai a equipara com remos, manejados isoladamente como nas antigas galés de escravos. Pusemo-nos, pois, a remar satisfeitos, despreocupados com nosso destino exato, quando subitamente a situação mudou. A praia distanciava-se rapidamente; fôramos apanhados por forte corrente que nos arrastava para o mar aberto. Papai, que já fora comandante de navio, sabia que a situação era preocupante — prenunciava-se uma tormenta das realmente fortes!

Ele fez mamãe e os dois pequenos sentarem-se no fundo da canoa para garantir o máximo de equilíbrio e depois disse:

— Agora, vocês quatro (dirigindo-se a mim, minhas duas irmãs e meu irmão) *ponham-se* a remar, mas não desperdicem suas forças, pois

vão precisar delas antes de nos sairmos desta.

Logo a tormenta desabou; as ondas tornavam-se cada vez maiores, e as colinas distantes que tínhamos de alcançar pareciam desfazer-se na noite que caía. Meu pai, exímio marinheiro, guiava a canoa por entre os vagalhões que agora nos rodeavam por todos os lados. Bastaria uma só pegar-nos de lado e seria o fim.

Continuamos a remar, remar; chegou a noite. Pouco se falou. O vento impelia nossos cabelos, e no rosto sentíamos os respingos de água do mar. Manejávamos os remos com cuidado, temendo que uma onda no-los arrancasse das mãos.

Remando, remando, nossos braços começavam a cansar-se, mas não ousávamos parar. Meus braços estavam dormentes; pareciam meros apêndices mecânicos manejando o remo. Então se ouviu a voz de papai através da ventania:

— Tudo em ordem?

— Tudo bem, — foi a resposta. E continuamos remando na noite, mal avançando alguns metros contra o vento e a maré. Passaram-se muitas horas antes de ouvirmos a rebentação contra a costa rochosa, acima da ventania. À nossa frente erguiam-se os penhascos rumo aos quais vínhamos remando. O rugir das ondas quebrando-se contra as rochas era nosso único guia, pois não

podíamos manobrar naquele mar revoltado sem virar a canoa, além de ter de manter a velocidade para nos esgueirar entre os vagalhões. Mas, o que havia à nossa frente? Embora acostumados à escuridão, nossos olhos conseguiam distinguir somente contornos vagos da costa. E fomos nos aproximando. Lembro-me perfeitamente ainda das palavras de papai:

— Perdoem-me se eu falhar desta vez. Há uma oportunidade em dez mil de vermos o sol nascer de novo, mas é essa que tenho de arriscar. Estão prontos?

— Prontos, — respondemos, e fomos remando diretamente para o ominoso penhasco. Procurei não olhar mais, apenas continuei remando com todas as forças. Logo a canoa deu uma guinada.

— Recolher os remos! — gritou papai. Obedecemos prontamente. Ouviu-se um leve ranger de areia. A canoa parou. Nossa cabeça zunia, enquanto ouvíamos o vento rugindo no arvoredor bem acima de nós, porém sem nos atingir. Sentíamos apenas a canoa subindo e descendo calmamente ao sabor das ondulações do mar. Ninguém falou por algum tempo. Então, quase como sem perceber que falava em voz alta, meu pai exclamou: — Na verdade, Deus existe.

Tivemos de ficar na canoa até amanhecer o dia. Adormeci de pura exaustão, enquanto meus pais vigia-

vam. A maré poderia mudar e deixar-nos em situação difícil.

Ao abrir os olhos, vi uma pequena enseada pouco maior que a canoa, que então descansava no fundo arenoso. Estávamos praticamente envolvidos por alta parede de rochas abrindo-se numa brecha apenas suficientemente larga para a canoa passar para o abrigo da enseada. Tivesse papai olhos menos penetrantes ou mão menos hábil no leme, não teria sobrado ninguém de nós para contar a história. Era o único abrigo e passagem em quilômetros de penhasco de ambos os lados.

Vencer uma tormenta numa canoa que jogava entre as ondas qual casca de noz, e nas trevas chegar diretamente ao único refúgio possível e que mal dava para abrigar a canoa, na verdade só podia ser atribuído à proteção do Pai Celeste.

Essa experiência deu início à longa busca da verdadeira igreja de Jesus Cristo por nossa família. A busca terminou com mamãe, minhas irmãs e eu batizando-nos em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Papai acabou crendo que Joseph Smith foi um profeta, porém faleceu antes de ser batizado.

Tenho recordado aquela noite de tormenta em Puget Sound muitas vezes com sentimentos de reverência e assombro. Foi lá, nas trevas e mar revoltado, praticamente indefeso, que meu pai aprendeu que Deus governa o universo.

Achado Surpreendente

Gladys C. Farmer

Desde que voltei da França em 1965, Marian Ream era a primeira missionária, conhecida minha, que partia de nossa ala, em 1978, para Paris. Passei a escrevê-lhe cartas animadoras e ela respondia com cartões postais, contando de seu progresso na missão.

No verão seguinte encontrei, para minha surpresa, uma foto minha e de minha companheira júnior, tirada em Versalhes em 1964, numa de suas cartas. Onde será que arranjava essa foto?

“Querida Gladys”, dizia na carta, “aconteceu uma coisa estranha na



semana passada. Havíamos ido à casa dos Desmurs para apanhar uns Livros de Mórmon que havíamos prometido. Quando souberam que eu sempre fora membro da Igreja, a irmã Desmurs foi apanhar esta foto na sala de visitas. Apontando a missionária da direita, perguntou se a co-

nhecia. Depois de olhar alguns instantes, eu disse: “Não tenho certeza, mas acho que é a irmã Farmer, lá da minha ala em Provo.”

“A família inteira ficou emocionada com a possibilidade de eu haver identificado a missionária. Os olhos da irmã Desmurs estavam marejados. Ela contou que fora o testemunho dessa missionária que a convertera. Havia perguntado a inúmeros missionários desde aí se a conheciam e poderiam localizá-la.”

A carta prosseguia descrevendo a família. O pai, agora segundo conselheiro do bispo, filiara-se à Igreja meses após o batismo da esposa. Toda a família de sete pessoas era ativa e costumava ajudar bastante os missionários.

Eu estava perplexa. Quem eram esses irmãos franceses e por que a mãe me creditava sua conversão? Eu nem sequer me lembrava de tê-los ensinado na França. Embora pouco esperançosa, consultei o pequeno diá-



rio no qual costumava anotar umas breves frases ao término de cada dia. Finalmente, entre as anotações do verão de 1964, encontrei menção aos Desmurs.

“8 de julho. Fui visitar e apresentei a primeira palestra à Sra. Desmurs, em Grand Chêne.

“9 de julho. Ensinei os primeiros quatro conceitos ao Sr. Desmurs, homem difícil.”

Esta anotação avivou minha memória. Não conseguia visualizar as pessoas, mas lembrava-me vagamente da casa. Minha nova companheira não falava francês e não fora nada fácil ensinar sozinha. Só conseguira abordar quatro dos doze conceitos da palestra, pois o marido rebatia tudo o que eu dizia. Lembro-me de voltarmos para casa, enquanto eu tentava explicar à companheira desanimada que nem todos os que concordam em ouvir as palestras estão preparados para receber a mensagem.

“21 de julho. Passamos seis horas pregando. Encontro com a família Desmurs. Ela é simpática e crente. Ele, obstinado.

“26 de julho. Programa missionário no ramo americano. Visitamos uma família inativa e os Desmurs.

“29 de julho. Segunda palestra para os Desmurs. Vamos desistir.”

Freqüentemente os missionários encontram famílias nas quais um cônjuge se mostra receptivo, mas o

outro oferece tamanha resistência, que não resta outra alternativa do que procurar outras pessoas mais acessíveis. Foi assim com os Desmurs.

Agora, porém, passados anos, recebi pelo correio uma fita contando a conversão à Igreja dos Desmurs.

Cerca de um mês após minha última visita em 1964, a Sra. Desmurs estava lustrando sapatos num domingo de manhã, enquanto conversava com o marido sobre o evangelho. Ele era totalmente contrário ao Livro de Mórmon, conforme fora desde o início. Ela comentou: Não sei, mas quem sabe um dia descobriremos que o livro é autêntico.

Naquele momento, subitamente ouviu minha voz prestando-lhe testemunho da veracidade do Livro de Mórmon. A princípio ficou assustada, mas a seguir, teve grande paz e alegria. Nas semanas seguintes, voltou a pensar muitas vezes em sua experiência e sentiu o testemunho do Espírito.

Anos se passaram; a família mudou-se da antiga casa para um apartamento noutro bairro de Versalhes. Em 1970, seis anos após meu último contato com eles, dois élderes bateram à porta. A primeira coisa que a Sra. Desmurs lhes contou foi a visita das missionárias anos antes e as experiências espirituais tidas desde aí. Os élderes explicaram-lhe que recebera o testemunho do Espírito Santo. Ela disse que sabia disso e que desejava filiar-se à Igreja. Seu batis-

mo, porém, tinha de aguardar que o marido mudasse de atitude.

Certo dia, quando a filha fora acometida de apendicite, o Sr. Desmurs foi diretamente do trabalho visitar a filha no hospital. Surpreso por não encontrar a esposa com a menina, foi para casa onde ela conversava com os élderes. Zangado, ele disse que seria melhor ela preocupar-se com a filha, em vez de pensar em religião. Rasgou a Bíblia de um dos élderes e os pôs para fora de casa. Depois, levou a mulher ao hospital para ver a filha.

No dia seguinte a esposa o repreendeu, dizendo: — Aqueles missionários não são ricos. Eles vêm para cá às próprias custas. O mínimo que você pode fazer é pagar a Bíblia que estragou.

Então o Sr. Desmurs dirigiu-se à casa dos missionários, pagou a Bíblia e disse que não queria vê-los nunca mais.

Entretanto, nos meses seguintes seu coração se abrandou e acabou permitindo que a mulher prosseguisse em sua pesquisa; ela e os três filhos mais velhos foram batizados em 1971. Ele começou a freqüentar a Igreja, largou alguns maus hábitos e, finalmente, em 1972, entrou nas águas do batismo. Mais tarde, entrou em contato com o missionário cuja Bíblia havia rasgado, um élder que voltara para casa com poucos batismos e uma Bíblia estragada entre

seus guardados, e que recebera a notícia inesperada com lágrimas de alegria.

O irmão Desmurs terminava sua parte da gravação, dizendo que gostaria de ter um meio de dizer a todos os missionários da importância de seu trabalho, e que não desanimassem. Disse que encontrou um membro que tinha uma foto minha, pendurou-a na sala de estar, e a cada novo missionário que aparecia em Versalhes, perguntava se me conhecia.

O irmão Desmurs me assegurava o carinho de sua família por mim, porque eu ajudara a plantar a semente do evangelho, e, ainda que o “solo” dele não fosse muito fértil na época, ela acabou brotando e florescendo mais tarde. Os demais familiares também falaram, agradecendo-me e invocando as bênçãos do Senhor sobre mim.

Ao terminar a gravação profundamente comovida pelo que ouvira, folheei o Livro de Mórmon em francês que viera junto com a gravação. Dentro dele, havia uma foto da família Desmurs acompanhada de seu testemunho, testemunho compartilhado dessa maneira com muitos outros compatriotas seus.

Sorri entre lágrimas. Minha obra missionária completara seu ciclo. Tudo começara com meu testemunho do Livro de Mórmon; ninguém sabe onde irá terminar. Na verdade, quão poucos de nós sabemos do impacto de nossas ações na vida do próximo.

